

CALAMIDADE NO RS

Força-tarefa para atender a saúde dos desabrigados

Susana Leite

susana.leite@gruposinos.com.br

O atendimento básico à saúde da população atingida pela enchente exigiu articulações que envolvem desde servidores dos municípios, voluntários, universidades e até o Exército. Acolhimento de pessoas com ansiedade e distribuição de medicamentos, principalmente de uso contínuo, estão entre os serviços mais procurados.

Além das unidades de saúde dos bairros, cidades como São Leopoldo, Novo Hamburgo e Canoas – com os maiores contingentes de pessoas em abrigos – mantêm estruturas extras de atendimento.

UPA improvisada

No maior abrigo de Novo Hamburgo, a Fenac, foi montada uma espécie de “UPA”. Com funcionamento 24 horas, voluntários e funcionários municipais se revezam no atendimento.

Houve momentos, no início do acolhimento, que as equipes chegaram a atender até 500 pessoas em um dia. Quem busca atendimento passa por triagem, consulta e já recebe a medicação.

Há uma farmácia montada e até um serviço de urgência. Mas quando é necessário é feita remoção para o hospital. Os abrigos em Novo Hamburgo oferecem, além de atendimento clínico, suporte de saúde mental.

Hospital do Exército

Em São Leopoldo, funciona desde sexta-feira (10), o Hospital de Campanha do Exército Brasileiro, cuja entrada é pela Avenida Unisinos esquina com Avenida Theodomiro Porto da Fonseca, no portão lateral do 16º GAC, e atenderá das 8h às 19 horas. O atendimento é de livre demanda por chegada. O Hospital de Campanha conta com 20 leitos de observação, funcionando de domingo a domingo.



Atendimento de saúde no abrigo da Fenac oferece assistência básica completa

Acolhimento completo para quem está no abrigo da Fenac em Novo Hamburgo

Voluntário no atendimento médico no abrigo da Fenac, o psiquiatra Andrés Killing afirma que o serviço prestado naquele espaço é “o 5 estrelas” do que pode ser oferecidos aos desabrigados. O espaço tem triagem, consulta com médicos e também com estudantes de medicina e entrega de medicamentos. Também há uma farmácia montada.

A gerente de Saúde Mental de Novo Hamburgo, Sayonara de Matos, explica que o atendimento de saúde mental está estruturado para atender as demandas, como os casos de pacientes com sinais de ansiedade



Medicamentos são entregues aos abrigados após consulta

ou casos preexistentes de depressão. Mas o espaço pretende ir além.

“Queremos implantar a promoção da saúde mental, com atividades culturais”, afirma. “Todas as famílias que estão

aqui, de uma forma ou de outra, foram assistidas. As pessoas com doenças crônicas receberam as medicações de uso contínuo”, aponta Killing sobre os atendimentos prestados.

Universidades prestam apoio aos atendimentos

As universidades Feevale e Unisinos prestam apoio aos atendimentos de saúde em Novo Hamburgo e São Leopoldo. Equipes médicas, enfermagem, fisioterapia, psicologia e farmacêutica atuam em um grande mutirão.

Coordenadora do curso de medicina da Unisinos, Cláudia Stadthlober explica que as equipes de saúde atendem os mais variados tipos, desde piolho a situações graves que requerem remoção para o hospital. Os dias frios impõe outros cuidados.

“Também os técnicos em enfermagem já estão fazendo ações preventivas, como aspiração das crianças e a lavagem nasal com soro”, explica Cláudia.

Além de acolher famílias e seus animais desabrigados pelas enchentes na região, a Universidade Feevale encaminha os casos de atenção em saúde ao Centro Integrado de Especialidades em Saúde da Instituição (Cies), em Novo Hamburgo, e ao Hospital Veterinário Feevale, em Campo Bom.

Situação de cheia exige vacinas em dia

Com resgates intensos desde os primeiros dias de cheia na região, um cuidado especial deve ser levado em conta: em caso de ferimentos, por menores que sejam, é preciso buscar ajuda médica.

Uma das medidas que podem ser adotadas é a vacinação contra o tétano, que está disponível na rede pública de saúde. A atenção com as vacinas é um exemplo que ocorre em Novo Hamburgo e São Leopoldo. O coordenador do Setor de Imunizações da Vigilância em Saúde de Novo Hamburgo, enfermeiro Edson Silva, lembra que a vacina antitetânica está disponível na rede de saúde no Município. “Tem pessoas que andam descalço nesses locais e podem sofrer ferimentos e podem ter complicações em relação

ao tétano”, observa. A antitetânica deve ser feita no intervalo de dez anos, mas em caso de ferimento, o reforço é com cinco anos. Além disso, o Município oferece a toda a população a vacina contra gripe. A vacinação está disponível na rede básica de saúde dos municípios.

Em São Leopoldo, os imunizantes também são oferecidos no Hospital de Campanha e na unidade móvel da vacina. A prefeitura leopoldense orienta também que as pessoas observem se o esquema vacinal da hepatite B está completo. Quem precisar completar o esquema precisa procurar uma unidade de saúde. Além disso, a vacina antirrábica deve ser feita em casos de pessoas que sofreram mordidas de animais durante os resgates.

Contato com água da cheia exige cuidados médicos

Considerando as doenças que podem surgir em decorrência da exposição prolongada à água contaminada, as sociedades Brasileira e Gaúcha de Infectologia lançaram orientações sobre as condutas que devem ser seguidas.

É preciso atenção a doenças como leptospirose, tétano, hepatite A e febre tifoide. O médico infectologista Paulo Ernesto Gewehr Filho, do Hospital Moinhos de Vento, destaca que, depois de garantir a segurança das pessoas, é preciso fazer uma avaliação médica relacionada ao contato com água contaminada. “A leptospirose contamina o indivíduo ao penetrar a pele íntegra exposta por muito tempo a águas

contaminadas, por feridas ou ainda pela ingestão de água”, explica.

O período de incubação da leptospirose é de sete a 14 dias, podendo atingir 30 dias – conforme o contato se prolonga, esse período se renova. Os sintomas da doença são semelhantes aos de outras enfermidades que estão circulando, como dengue, Covid e gripe: febre, dor de cabeça, dor muscular, olhos vermelhos, náuseas, vômitos. Também pode haver tosse seca, tosse com sangue, cansaço, calafrio, diarreia e dor nas articulações, acrescenta Gewehr Filho. “Chama atenção a dor nas panturrilhas e, também, a fotossensibilidade e a cor amarelada na pele.”

Tratamentos só com orientação

“Não temos vacina para leptospirose, então, usamos antibióticos. Há estudos muito limitados sobre profilaxia, no entanto, eles indicam que haveria benefícios para esses indivíduos amplamente expostos, como socorristas, bombeiros, Defesa Civil”, diz Gewehr Filho, sublinhando que o uso de medicamentos não é indiscriminado. Essas mesmas drogas são usadas no tratamento da doença, que pode acometer com mais gravidade e, inclusive, letalidade, criança, idosos, imunodeprimidos e gestantes.



Acesse abcm.com/tempestade para ver a cobertura completa.